

**ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA:
DISCUSSÕES SOBRE TEORIA E MÉTODO**

*Simone dos Santos França*⁵² (UFMS)
anhin.1@hotmail.com

RESUMO

Desde seu surgimento no final dos anos 60 a Análise do Discurso de linha francesa, filiada a Michel Pêcheux, tem demonstrado ser um campo muito fecundo para pesquisas. Nesse sentido, no presente trabalho se têm por objetivo apresentar algumas considerações sobre a Análise do Discurso francesa e discutir os procedimentos teórico-metodológicos a partir da conjectura intelectual que formou essa linha de pesquisa. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica explicando o problema em questão a partir de referências teóricas como Maingueneau (1993) e Pêcheux (1975; 1990). Esse debate se dá em torno das muitas questões postas ao analista do discurso, como a que de um lado, a Análise do Discurso (como outras disciplinas modernas) rejeita o método científico de inspiração positivista, de outro lado, os procedimentos que legitimam a atividade de pesquisa se apresentam ao analista do discurso como um elemento de coerção discursiva que lhe impõe, de uma forma ou de outra, o modo legítimo de fazer ciência, que é o que se chama de procedimentos teórico-metodológicos. Nesse sentido, um aspecto fascinante da Análise do Discurso é o fato de à medida que a análise se instala, por meio da descrição e da interpretação, desencadeia-se um movimento de constante retorno à teoria, possibilitando, inclusive, quando necessária, uma revisão do corpus. É desse modo que se percebe a indissociabilidade entre teoria e método na Análise do Discurso.

Palavras-chave:

Método. Teoria. Análise do Discurso.

RESUMEN

Desde su aparición a finales de la década de 1960, el Análisis del Discurso de la línea francesa, afiliado a Michel Pêcheux, ha demostrado ser un campo de investigación muy fructífero. En este sentido, el presente trabajo tiene como objetivo presentar algunas consideraciones sobre el Análisis del Discurso francés y discutir los procedimientos teóricos y metodológicos a partir de la conjetura intelectual que formó esta línea de investigación. La metodología utilizada fue la revisión bibliográfica explicando el problema en cuestión a partir de referencias teóricas como Maingueneau (1993) y Pêcheux (1975; 1990). Este debate se desarrolla en torno a las múltiples cuestiones planteadas al analista del discurso, como que por un lado, el Análisis del Discurso (como otras disciplinas modernas) rechaza el método científico de inspiración positivista, por otro lado, los procedimientos que legitiman la actividad investigadora. Se presenta al analista del discurso como un elemento de coacción discursiva que impone, de una u otra forma, la forma legítima de hacer ciencia, que es lo que se denomina

⁵² Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo em forma de bolsa de estudo para o desenvolvimento desta pesquisa.

procedimientos teórico-metodológicos. En este sentido, un aspecto fascinante del Análisis del Discurso es el hecho de que a medida que se instala el análisis, a través de la descripción y la interpretación, se desencadena un movimiento de retorno constante a la teoría, posibilitando, incluso cuando sea necesario, una revisión de corpus. Es así como se percibe en el Análisis del Discurso la inseparabilidad entre teoría y método.

Palabras clave:

Método. Teoría. Análisis del discurso.

1. Introdução

Um dos principais aspectos da Análise do Discurso é que à medida que a análise se instala, por meio da descrição e interpretação, instaura-se um movimento de constante retorno à teoria, posibilitando, quando necessária, uma revisão do corpus, é dessa forma que se percebe a indissociabilidade entre teoria e método na Análise do Discurso. Embora não se deva pensá-la como um processo estabilizado, pois isso a transformaria numa máquina, alguns procedimentos se apresentam como pistas seguras ao analista: a formulação da questão ou questões; a construção do dispositivo analítico referido ao dispositivo teórico; a de superficialização do texto que, por meio da sua discursividade dá acesso ao discurso, este de caráter teórico, diferenciando-se do texto que é de natureza empírica.

Há, ainda, a possibilidade de relacionar devidamente o discurso com a sua exterioridade, superando-se a já repisada fórmula de contextualização histórica do texto. Para a Análise do Discurso a história não é mera exterioridade, mas se manifesta no texto, impondo-se, desse modo, a compreensão das condições de produção do discurso (quem e como o produziu, de que lugar e para quem o produziu).

A Análise do discurso de linha francesa surge a partir de três contribuições: Marxismo, Psicanálise e Linguística. De forma que um seleto grupo de teóricos, cada um à sua maneira, contribuíram para ao que se conhece sobre a disciplina e seus domínios na atualidade, ainda que alguns deles não fossem linguistas. Vejamos então como se deu este processo.

2. Uma abordagem dos “ancestrais” da análise do discurso

Antes de 1960, o discurso se intitulava “texto”, e seu estudo ocorria de maneira particularmente escolar, “enfim, a prática escolar referida

é a explicação de textos, presente sob múltiplas formas em todo aparelho de ensino, da escola à universidade” (MAINGUENEAU, 1993. p. 10). Desse modo, a missão de interpretar textos fazia da filologia, ciência usada para esse intento na época, apenas “a serva de outras ciências” (MAINGUENEAU, 1993. p. 09), uma vez que sua finalidade se restringia a, desvendar o que os autores das diversas áreas “quiseram dizer”, aliada à história, como era comum na Europa daquela época. Assim, Maingueneau descreve a filologia.

A filologia foi chamada “a mais difícil arte de ler”. Ou seja, o papel da filologia consiste em determinar o conteúdo de um documento lavrado em língua humana. O filólogo quer conhecer a significação (*sic*) ou a intenção daquela cuja fala é conservada através da escrita. Deseja captar a cultura e o meio no interior dos quais este documento nasceu e compreender as condições que permitiram sua existência [...]. Para o filólogo, a ciência da linguagem propriamente dita [...] é apenas um conjunto de meios para atingir o sentido contido na palavra escrita ou falada. [...] Se a filologia se aplica a problemas verdadeiramente lingüísticos, como a fonética, a morfologia, a sintaxe ou a semântica, é apenas para assegurar uma interpretação exata. (MAINGUENEAU, 1993, p. 10)

Como é possível perceber os estudos filológicos, então se aproximam muito do que ainda hoje é estudado em língua portuguesa e até mesmo nas outras diversas disciplinas escolares em que se pretende alcançar uma interpretação rasa ou apenas captação das informações contedistas de cada área específica, algo que passa bem perto da decodificação por parte daquele que contém informações básicas sobre determinado assunto. Como exemplos desse tipo de leitura e interpretação, poderíamos citar uma lista de problemas matemáticos ou um exercício de interpretação de texto presente em provas de Língua Portuguesa ou mesmo em questões de múltipla escolha de História ou Geografia, na escola ou em concursos diversos.

Antes de Maingueneau, Pêcheux já se ocupara de justificar Filologia:

Faz-se necessária uma abordagem, ainda que um tanto sintetizada, da filologia devido ao fato de que ela seja a antepassada direta da Análise do Discurso de linha francesa, “[...] as questões concernentes aos usos semânticos e sintáticos colocados em evidência pelo texto ajudavam a responder as questões que diziam respeito ao sentido do texto (o que o autor “quis dizer”). (PÉCHEUX, 1990, p. 61)

Percebe-se, nesse sentido, que as informações textuais eram assim, praticamente, reduzidas às informações explícitas, restringindo o que houvesse de implícito apenas ao conhecimento referente ao que cer-

ceasse o assunto em questão. O papel do sujeito, tal qual a Análise do Discurso concebe hoje, ainda não havia sido despertado, o autor era tão somente um transmissor de informações veiculadas a determinado conteúdo dentro de suas especificidades, aquele que quando falava ou escrevia, produzia um texto que falava por si, organizado dentro dos conjuntos de normas estruturais de determinada língua. Parte daí a observação de Maingueneau (1993, p. 09) de que a Análise do Discurso seria “o encontro de uma conjuntura intelectual e de uma prática escolar”.

Conforme profere, em concordância com Maingueneau:

Até os recentes desenvolvimentos da ciência linguística, cuja origem pode ser marcada com o *Curso de Linguística Geral*, estudar uma língua era, na maior parte das vezes, estudar *textos*, e colocar a seu respeito questões de natureza variada provenientes ao mesmo tempo, da prática escolar que ainda é chamada de compreensão de texto, e da atividade do gramático sob modalidades normativas ou descritivas [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 61)

Nesse sentido, o estudo de língua e o estudo de texto se fundem ou se confundem, uma vez que, até Saussure, o protagonista era o texto e sua informatividade, o que queria dizer aquele ajuntamento de palavras e frases organizadas em torno das regras de determinada língua. Mesmo tendo em vista a existência de um autor, era o conjunto estrutural do texto que se responsabilizava pelo sentido ou pelo que o autor tenha se proposto a dizer.

Em contrapartida, a conjuntura intelectual se compõe de estudiosos que viam no texto algo além da estrutura inicial ou microtextura, vista aqui como estruturas gramaticais de uma língua. Ao passarem a se articular “em torno de uma reflexão sobre a ‘escritura’, a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise”, os novos estudiosos da linguagem passam a defender que a “língua tem sua ordem própria” (ORLANDI, 2012, p. 19), passam a conceber o texto a partir de um sujeito histórico, atravessado por uma história contínua, elemento que, nesse sentido, se constitui por meio de atos discursivos em uma historicidade de permanente transformação da qual, dialogicamente, ele é agente e paciente, é causa e consequência; nele habita uma consciência materializada, sobre a qual ele não tem domínio, seu dizer é atravessado por outros dizeres que já foram ditos se alternando num jogo de poder presente em uma sociedade organizada em classes. O analista do discurso, “vem dessa forma trazer sua contribuição às hermenêuticas contemporâneas. Como toda hermenêutica, supõe que um sentido oculto deve ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível” (MAINGUENEAU, 1993, p. 10).

3. *Análise do discurso: um instrumento necessário*

Atualmente pode-se declarar que a Análise do Discurso de linha francesa é uma disciplina relativamente popular na área da linguagem e das ciências humanas, isso porque no espaço acadêmico vem possibilitando práticas de interpretações de diferentes discursos, de maneira a utilizar a historicidade e a teoria do sujeito para isso. E com a necessidade de novos instrumentos teóricos para a construção de sentidos de discursos contemporâneos, vemos a Análise do Discurso se configurar em meio à influência marxista, à Psicanálise e à teoria de Saussure. No início, a Análise do Discurso tinha como foco os discursos de natureza política, no entanto, na configuração atual, temos um contexto bem mais amplo que vai desde os discursos que remetem à contemporaneidade até formulações que marcam a identidade e/ou cultura de determinada comunidade.

A Análise do Discurso de linha francesa nasceu na década de 60 na França por meio de teorias de Pêcheux, junto à figura de Jean Dubois – linguista e lexicólogo envolvido com as questões linguísticas de sua época. No entanto, essa disciplina teórica já vinha sendo incorporada desde o século XIX a partir da semântica histórica. Como o próprio nome sugere a Análise do Discurso, estuda o discurso de forma a fazer uma interpretação da produção de sentidos. Lembrando que conforme Pêcheux:

A análise do Discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando o sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito. (PÉCHEUX *apud* MAINGUENEAU, 1993, p. 11)

A Análise do Discurso entende que sentidos não são postos, e as palavras não possuem um sentido único, ao contrário são vazias de sentido, recebendo, por meio da historicidade, um sentido que satisfaça a demanda sócio-comunicacional de determinado momento. No entanto, um dominante. Como é o caso da palavra *Madrasta* que figurava no dicionário da seguinte forma: “*f.f. mulher, que cafa com viuvo, diz-fe madrafta a rcpfeito dos filhos do primeiro matrimônio do marido: as madraftas tem contra fi a opinião de duras-, e iniqtúacs para os enteados, daqm as frazes,, ódio de madrafta,, e em Bernardes Lima este gado he de madrafta. § fi Pátria madrafta, e não mã dos filhos beneméritos.*”. (BLUTEAU, 1728, p. 41). Dessa maneira, antes a palavra *madrasta* figurava com sentido de mulher que se casava com viúvo, e atualmente essa palavra nos remete não apenas aquela que se casa com um viúvo e sim toda aquela

que se casa com um homem que já teve uma outra esposa, como pode ser visualizado nos dicionários atuais como “*s.f. mulher em relação aos filhos de casamento anterior do marido; adj.fig. má, ingrata*” (HOUAISS, 2009, p. 477).

Dessa forma, para a Análise do Discurso, a enunciação de uma mesma materialidade linguística, em diferentes condições, pode gerar vários efeitos de sentidos. A língua, sob a ótica dessa teoria, é incompleta, é heterogênea, uma vez que é afetada pela história, a língua está favorável aos deslizos, aos diversos sentidos, a polissemia, à ambiguidade. A Análise do Discurso não se ocupa da gramática da língua, ainda que essa seja relevante foco de interesse, mas se dedica ao discurso, à palavra em movimento, e ao seu sentido. Sentido que atravessa o sujeito levando-o a reproduzir um determinado discurso que se constitui em meio às condições de produção, que é atribuído pelo sujeito pertencente a uma dada comunidade e das condições de produção desse discurso. Então, pode-se considerar que o discurso não é formado no sujeito, mas é formado por um processo sócio-histórico e ideológico que torna possível a constituição do discurso. Analisar as condições em que o sujeito está inserido é imprescindível à análise do discurso reproduzido por ele. Dessa forma, o discurso é permeado por formações discursivas nas quais está imerso. Como nos remete Pêcheux, as formações ideológicas e as várias formações discursivas estão interligadas e determinam o que pode ser dito ou não.

4. *Conjuntura intelectual da análise do discurso*

Um dos nomes ligados à Análise do Discurso é Michel Foucault, ainda que seja um dos que mais se distancia da linguística, uma vez que para ele é fundamental contrapor Análise do Discurso e Linguística. Foucault via o discurso não como um conjunto de enunciados, e sim como produto do que ocorre antes dele, ou seja, o que permite sua ocorrência. Para entender as ideias de Foucault, é imprescindível entender o que é linguagem segundo sua concepção, lembrando que ele considerava o discurso como um pensamento coberto de signos transformados em ‘visíveis’ pelas palavras, ou seja, estruturas que produzem efeitos de sentido. Entender um acontecimento discursivo não seria, levar em conta a perspectiva do sujeito que ‘produz’ o discurso fazendo uso de ‘suas intenções’. E tem como posicionamento que o discurso é “uma violência que fazemos às coisas” (POSSENTI, 2007, p. 255).

Outro grande contribuinte a esses estudos é Mikhail Bakhtin. O fi-

lósofo russo foi e continua sendo um dos autores que mais se destacou no estudo da linguagem, embora não seja linguista, nem seja considerado propriamente pertencente a Análise do Discurso, tem sido utilizado em diversos estudos por seus conceitos e categorias da linguagem. Uma das questões mais relevantes da produção de Bakhtin foi conceber a linguagem como um contínuo processo de interação mediado pelo diálogo e não como um sistema autônomo. Segundo ele, a língua materna, o vocabulário e suas estruturas gramaticais, não são conhecidos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que são ouvidos e reproduzidos na comunicação real com as pessoas que nos rodeiam. Conforme essa visão, a língua existe em função do uso que locutores (enunciadores) e interlocutores em situações de comunicação. Ensinar, aprender ou mesmo empregar a linguagem passam pelo sujeito, assim, na visão dele o agente das relações sociais e responsável por composições e pelos estilos de discursos. No entanto, sabemos que o fato de não ser um linguista, mas apenas um analista de textos, suas teorias mostram muitas lacunas.

Outro teórico, Dominique Maingueneau, linguista francês, por certo um dos mais sólidos, já que seus escritos são bastante consistentes, apoiados por suas formações filológica, pragmática e linguística textual, é considerado um dos seguidores de Foucault, o que o remete à elaboração de uma semântica discursiva, e, nesse sentido, a materialização do texto é imprescindível, o que diverge das análises de Foucault. Em sua relação com a Linguística e a Análise do Discurso devemos citar três questões que devem ser suscitadas: uma é a concepção de linguagem vista, inquestionavelmente, como dual; outra menção é a de que a Análise do Discurso analisa textos e não temas ou ideias, e por último que, na explanação de um determinado discurso, não se pode privilegiar apenas um de seus aspectos, léxico ou sintático por exemplo. É muito evidente a capacidade de Maingueneau ao ver o discurso em todos os aspectos do texto e fundamentá-lo de forma material (POSENTI, 2007). Nesse viés, Maingueneau (1993) justifica que, como os demais campos de estudo, a Análise do Discurso também faz parte de uma tradição que junta o intelectual com a prática escolar, como se relacionasse a filologia com a análise de textos literários de forma a mostrar que as associações da linguagem são entre sujeitos de uma sociedade e suas relações de sentidos construídos historicamente.

Jean-Jacques Courtine destaca duas concepções que esclarecem a relação entre a Linguística e Análise do Discurso: o analista deve ser lin-

guista e ao mesmo tempo não o ser; o discurso, figurando como objeto, mantém uma determinada relação com a língua, e a análise deve se basear nisso. Esse estudioso trata principalmente do momento em que a Análise do Discurso estava em plena reconfiguração, lembrando que essa corrente de estudos nasce no berço das teorias marxistas vinculada ao desenvolvimento do pensamento. Por isso, para ele, querer analisar os discursos era pretender mais que um simples trabalho de linguista, era, de certa maneira, almejar ocupar uma posição de herói numa luta teórico-política.

Michel Pêcheux, considerado fundador da Análise do Discurso via como um dos grandes desafios no final da década de 60 desenvolver uma forma de realizar a análise automática do discurso em que não houvesse erros, de maneira objetiva, científica e que não faltasse com a verdade. Pêcheux tinha uma adoração por máquinas, instrumentos e técnicas. A utilização da informática, aliada à Análise de Discurso, foi uma das grandes expectativas da época do surgimento deste campo de forma sólida. Michel Pêcheux se configura como um intelectual que viveu intensamente as problemáticas de seu tempo, e foi também fortemente afetado por elas. Podemos citar como exemplo as mudanças políticas que viveu na década de 60. E essas experiências proporcionam a ele a alusão a outros saberes, assim como a expansão de sua cultura filosófica. A construção teórica de Pêcheux é fundamentada por alguns conceitos como o de discurso, sujeito, interdiscurso e formação discursiva. Sabemos que a Análise do Discurso tem como objeto de estudo o discurso, e, para fazer tal análise, é necessário interpretar a posição de onde se constitui o sujeito, considerando as demais condições de produção de sentido. Não se pode esquecer, ainda, que o sujeito é um ser histórico e marcado pelas ideologias. A Análise do Discurso estuda as formações discursivas, que se define como aquilo que pode ser dito por um sujeito em posição discursiva num momento dado e numa conjuntura dada (PÊCHEUX, 1975). Nesse sentido, Pêcheux profere:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe 'em si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário é determinado pelas posições ideológicas que estão colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Chamaremos, então, formações discursivas aquilo que, em uma conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. (PÊCHEUX, 1983, p. 160)

Outro ponto também bastante importante que fundamenta a teoria de

Pêcheux é o interdiscurso, nesse viés, ele formula que o discurso se constitui a partir de um discurso “que já estava lá”, e que a “objetividade material reside no fato de que isto fala” em outro lugar e independentemente. Sendo assim, o interdiscurso é o espaço discursivo e ideológico em que se desenvolvem as formações discursivas. É o interdiscurso que forma o discurso do sujeito, a marca que o caracteriza como sujeito, desta forma, o discurso só pode ser compreendido na sua ligação com o interdiscurso.

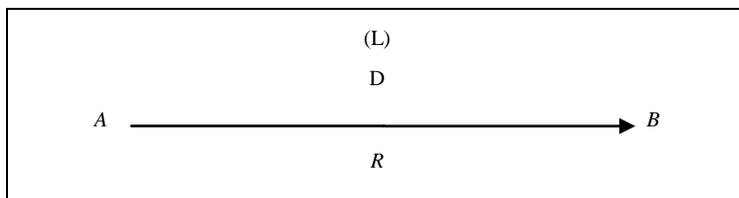
1. Os elementos da comunicação e sua constituição segundo Pêcheux

Durante a época em que se estudava apenas o texto e sob o objetivo de descobrir o que “ele queria dizer”, alguns elementos não exerciam os papéis que passam a exercer a partir de Pêcheux. Aos analistas, interessa a compreensão daquilo que o mestre passa a apresentar desde então, não estamos dizendo que as teorias anteriores não sejam relevantes, seria incoerência, mesmo porque foram elas os primeiros passos, sem os quais não haveria os avanços que agora se conhece, cabe tão somente argumentar que, com gratidão, se dá ao privilégio de construir sobre as bases sólidas que outros outrora construíram, reconhecendo sim sua importância sem se prender agora a elas, uma vez que, segundo Orlandi, “A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem” (ORLANDI, 2012, p. 20). A autora faz referência ao esquema elementar formado por um emissor que codifica a mensagem, um código linguístico, uma mensagem transmitida, um referente conhecido como o contexto, e um receptor que decodifica a mensagem. Obviamente, esse esquema reduz a comunicação a uma estaticidade extremamente distante da realidade compreendida pela Análise do Discurso, que não concebe a linguagem como pura comunicação, mas entende que os mecanismos de linguagem humana vão muito além de pura transmissão de informações.

[...] diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos, e não meramente transmissão de informação. (ORLANDI, 2012, p. 20)

Eis o esquema. Usá-lo-emos com o propósito de demarcar a mudança proposta por Michel Pêcheux:

Quadro 01: esquema>



Fonte: Pêcheux (1990, p. 76).

[...] a teoria da informação, subjacente a este esquema, leva a falar de *mensagem* como transmissão de informação: o que dissemos precedentemente nos faz preferir aqui o termo *discurso*, que implica que não se trata necessariamente de transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B”. (PÊCHEUX, 1990, p. 82)

Pêcheux apresenta uma reformulação dos elementos envolvidos no uso/manifestação da linguagem. Trata-se de uma nova leitura do papel do homem no universo, bem como dos processos que configuram a existência e as possibilidades desse universo, materializado a partir de elementos antes não vistos como materialidade. É a contribuição da filosofia marxista transformando, ou reformulando, as formas e as fôrmas impostas ao mundo.

Para Análise do Discurso, conforme ideias de Pêcheux, “Fica bem claro, já de início que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais” (PÊCHEUX, 1990, p. 82). Assim sendo, se anteriormente, concebia-se um homem emitindo uma mensagem a outro homem, agora poderíamos inquirir: “Quem é o homem?”; ou, mais significativamente, “O que é o homem?” A encruzilhada de onde se irradia a Análise do Discurso tal qual um espelho côncavo, faz refletir novas imagens, e num jogo de polissemia, faz nos refletir acerca das mesmas. Se antes o homem era visto como um agente consciente de seus direitos, deveres e potencialidades, no entanto, olhando mais a fundo, o que ilusoriamente era visto como um elemento pronto não revela seu início e nem seu fim; verdadeiramente certo é dizer que o homem não é, mas ele está. E explorando as duas predicções destinadas a esse verbo, notar-se-á, que, em um caso e em outro, a oração se formulará apresentando informações relevantes, ainda que uma delas seja considerada pela gramática normativa como acessória, na prática não é bem assim. Aparecerá o predicativo que poderia ser preenchido por um título qualquer, ou um lugar determinado. Em ambos os casos, percebe-se o vulto que é o homem, cabe aqui a “alegoria da caverna de Platão”: à

sombra vislumbra-se uma imagem, à luz do conhecimento, outra; apenas um recorte histórico de um elemento eterno, ou seja, o homem de hoje, nada mais é do que um fragmento do que foi ontem e do que será amanhã.

Quando se diz sobre o predicativo, é para ilustrar que o antigo emissor não é aquele que transmite uma mensagem própria, mas é um representante sob um título imposto por um período de tempo, representando a expressão de uma ideologia que emerge de uma determinada instituição. Assim se identifica o sujeito que é sujeito por um espaço limitado de tempo, nem vitalício e nem impossibilitado de voltar a exercer o cargo; situado em um lugar de onde o por onde profere um discurso, que não tem em si, ou nele, ou no lugar o significado, mas cujo significado se constrói na relação entre ele (A) e alguém aqui designado B. Quem é A e quem é B depende do lugar de onde se fala.

1.1. Reflexões sobre o “jogo de imagens

Dentro do estudo das condições de produção, uma teoria, em particular, requer um espaço substancial: a teoria de Pêcheux intitulada “jogo de imagens”. A saber, todo sujeito, ao proferir uma fala, passa pelo processo de atribuição de identidades, a si mesmo, ao seu interlocutor. Essa identidade não é algo simples, mas se constitui de uma complexa relação. Nas palavras de Pêcheux (1990):

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1990, p. 82)

Nesse sentido, o falante se analisa dentro de uma determinada situação, não de forma cristalizada, visto saber que não é um ser único e cristalizado, mas que vivencia papéis predeterminados na historicidade do mundo e do discurso. A fala vem, nesse sentido, a ser construída sob condições que determinam o que deve ser falado a partir daquele lugar, desse modo, não é algo individual, mas institucional.

É importante visualizar o quadro das formações imaginárias, segundo Pêcheux (1990, p. 83), para uma melhor compreensão dos fatos mencionados até então:

Quadro 02: Formações imaginárias.

Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A — [I A (A) I A (B)	IA(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	Quem sou eu para lhe falar assim?
	IA(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	Quem é ele para que eu lhe fale assim?
B — [I B (B) I B (B)	IB(B): Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B -	Quem sou eu para que ele me fale assim?
	IB(A): Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	Quem é ele para que me fale assim?

Fonte: Pêcheux (1990, p. 83).

Ao tratar desse esboço, o estudioso ainda acrescenta:

Convém agora acrescentar que o “referente” (R no esquema acima, o “contexto”, a “situação” na qual aparece o discurso pertence igualmente às condições de produção. Sublinhemos mais uma vez que se trata de um *objeto imaginário* (a saber o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física (PÊCHEUX, 1990, p. 83)

Colocaremos, pois

Quadro 03: A B.

	Expressões que designam as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	I A (R)	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	I B (R)	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Pêcheux (1990, p. 83).

Nesse sentido, as identidades não são fixas, mas tornam-se igualmente imaginárias, como toda a composição do quadro imaginário e, são construídas sob o “prévio conhecimento” que A tem do espaço destinado a cada um dos elementos nesse quadro, bem como “conhecimento prévio” que A pressupõe pertencer a B. Além disso, os “já-ditos” adormecidos sinalizam a formação discursiva adequada para cada situação. Assim a identidade de A passa a ser formulada por quem ele pensa ser somado a quem ele acredita esperarem que seja, e a força de seu discurso dependerá do resultado que ele imagine obter.

Como esse processo, além de complexo, se movimenta, ou seja, foge à estaticidade, o discurso de A motivará um posicionamento de B, o interlocutor, nesse sentido, B poderá construir um próximo discurso e remetê-lo a A dando vida a outro aspecto da dialogia da linguagem, que se move enquanto é atravessada pela história movimentando a própria história.

E por falar em história, na história das teorias, que também não param, a Professora Doutora Pinto retoma as palavras de Osakabe:

[...] analisando o esquema de formações imaginárias criado por Pêcheux, vai propor uma reformulação das perguntas que compõem o chamado “jogo de imagens” por entender que carecem de outro elemento igualmente importante e que se fundamenta sobre a relação atucional e pragmática entre A e B. Para Osakabe, a pergunta central não se localiza mais em A ou B, mas sobre A e B, podendo ser assim construída: O que A pretende falando dessa forma? Duas outras perguntas podem surgir do desdobramento desta questão. São elas: O que A pretende de B falando dessa forma? O que A pretende de A falando dessa forma? (PINTO, 2010, p. 125)

A primeira parte do desdobramento vai ao encontro de um apontamento do próprio Pêcheux sobre as “intenções” de A:

[...] a antecipação de B por A depende da “distância” que A supõe entre A e B: encontram-se assim diferenciados os discursos em que se trata para o orador de *transformar o ouvinte* (tentativa de persuasão, por exemplo) e aqueles em que o *orador* e seu *ouvinte se identificam* (fenômeno de cumplicidade cultural, “pisar de olhos” manifestando acordo, etc.). (PÊCHEUX, 1990, p. 85)

Nesse sentido, pode-se dizer que há uma abertura para a existência de individualidade de A e de B, como agentes pensantes, ainda que, claro, inseridos num contexto histórico contínuo, atravessados pelos “já-ditos” e “afetados” pela linguagem, mas indivíduos, portadores de diferenciadas capacidades de expressão, estratégias de ação, leitura do momento a fim de formular o enunciado apropriado, análise do outro para medir o “peso” do ataque ou da defesa discursivos. Esse detalhe é suficiente para que se perceba que, embora a história continue fazendo de todos apenas os atuais personagens, posteriores a uns e antecedentes de outros, cada um é único em sua existência. Nesse sentido, há uma unicidade abrindo espaço para que dentro de um hipotético “mesmo lugar” contracenem, em uma mesma época, sujeitos que, apesar de constituídos a partir de hipotéticas mesmas ideologias, sejam sujeitos diferentes.

Há intenções por parte de A, intenções sociais, coletivas e individuais. A absorve as ideologias, no entanto também as filtra, seleciona e

transforma, no momento em que faz suas leituras. Seria por isso que no mundo se observa diferentes organizações sociais, não únicas, diferentes atuações políticas, não as mesmas, diversos níveis de posturas frente a relações econômicas, não apenas a ganância.

Nessa reflexão, Foucault (2004, p. 34) sinaliza: “Aceitarei os conjuntos que a história me propõe apenas para questioná-los imediatamente; para desfazê-los e saber se podemos recompô-los legitimamente, para saber se não é preciso reconstituir outros”.

Dessa forma, os elementos das condições de produção são inesgotáveis em suas complexidades sem que isso torne o trabalho do analista impossível, apenas requer dele uma atitude de alguém que analisa algo vivo e tenha ciência de que, frente a isso, não lhe cabe uma postura calcificada.

2. Considerações finais

Nesse trabalho, a proposta foi repassar de forma breve o posicionamento de alguns teóricos pertinentes ao surgimento da Análise do Discurso. É importante lembrar que apesar de não se tratar apenas de linguistas, é incontestável a relevância de discutir acerca dos outros estudiosos que contribuíram para a Análise do Discurso. O propósito da elaboração desse escrito perpassa ainda pela questão de discutir sobre a função da linguagem, seu grande valor para a comunicação, e mesmo a atuação/interação do homem na sociedade. É preciso também ressaltar a importância dos estudos que envolvam a língua/linguagem em seu funcionamento, uma vez que o sujeito está intrinsecamente vinculado à linguagem e às práticas sociais, e essa inter-relação que condiciona o papel da linguagem nos diferentes contextos sociais. Sendo assim, procurou-se apresentar aqui uma abordagem teórica sintetizada do surgimento da Análise do Discurso, já que essa se propõe a discutir e analisar a linguagem como instrumento mediador entre o homem e meio social, pondo em evidência o discurso, buscando elementos que vão além da frase, entender aquilo que está nas entrelinhas, ou seja, o que significa apesar de não ter sido dito explicitamente. A transformação nos elementos chamados elementos da comunicação é outro ponto relevante nos estudos trazidos pela Análise do Discurso, já que, se antes, na linguística histórica, havia uma mensagem transmitida e produzida por um autor com um sentido a ser descoberto, ou interpretado; com o surgimento da Análise do Discurso, temos um sujeito sendo atravessado por um discurso que precisa ser en-

tendido por meio de panoramas históricos e sócio-políticos aliados à psicanálise e não somente por meio de análises linguísticas.

Por tudo que foi apresentado até o momento sobre a Análise do Discurso de linha francesa, é possível perceber que essa corrente de estudos tem contribuído de forma bastante consistente com os estudos linguísticos e compreensão dos discursos e suas multiplicidades de sentido produzidos pela sociedade. Para que assim perceba-se o quanto os sentidos dos discursos não são evidentes, necessitam de interpretações, que consideram para isso o processo histórico, a cultura, o lugar de onde os sujeitos enunciam. É assim que se percebe a indissociabilidade entre teoria e método na Análise do Discurso, pois, se forma ainda como o lugar privilegiado de um encontro entre a Linguística, a história, a textualização do político, e a partir desse enlace pode-se entender como a relação do poder é significada e simbolizada, tudo conforme as “condições de produção” do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino*: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712–1728. 8 v.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAINGUENEAU, D. *As novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. de Freda Indursky. 2. ed. Campinas-SP: Pontes: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Leitura e discurso científico*. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1995 [1975].

_____. A análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à*

obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PINTO, M. L. A análise do discurso e as condições de produção. In: PEREIRA, D. C.; RODRIGUES (Orgs). *Língua e literatura I: questões teóricas e práticas*. São Paulo: Nelpa, 2010.

POSSENTI, Sírio. Sobre língua e discurso. In: REZENDE, L. M. *et al.* (Orgs). *O que são língua e linguagem para os linguistas*. Araraquara: FCL/Unesp-Cultura Acadêmica, 2007. p. 41-52